

VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2015.

Práticas de vivência e contato com imagens oníricas no contexto de grupo e promoção de saúde.

Santos, Jessica Caroline y Barón Mussi,
Vicente.

Cita:

Santos, Jessica Caroline y Barón Mussi, Vicente (2015). *Práticas de vivência e contato com imagens oníricas no contexto de grupo e promoção de saúde. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-015/58>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/epma/mbK>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

PRÁTICAS DE VIVÊNCIA E CONTATO COM IMAGENS ONÍRICAS NO CONTEXTO DE GRUPO E PROMOÇÃO DE SAÚDE

Santos, Jessica Caroline; Barón Mussi, Vicente
Universidade Federal do Paraná. Brasil

RESUMEN

Los sueños son la expresión directa de la actividad psíquica inconsciente y representa la situación interna del soñador, y puede entenderse como esencial para la salud mental, ya que proporcionan las direcciones de personas que se enfrentan a los problemas que la vida impone, como la enfermedad y cuestiones existenciales. Por lo tanto, el objetivo de este estudio fue describir el trabajo con la interpretación de los sueños, póngase en contacto con imágenes de los sueños de las personas en grupos y contextos y su interacción con la promoción de la salud. La metodología fue los textos literarios, autores de investigación de Jung y después de Jung. Los resultados del programa de estudios que planteó el soñador para trabajar el contenido de los sueños en la psicoterapia individual o grupo adquiere una mayor integración psíquica, con una mayor conciencia de su problemas personales, la tolerancia, la reducción o eliminación de los síntomas corporales inicialmente presentado en la terapia y los cambios con respecto a la manera de reflexionar sobre sus problemas. Demostrando este contexto la importancia de la salud mental de estas personas.

Palabras clave

Sueños, Interpretación, Grupos experimentais, Promoción de la Salud

ABSTRACT

PRACTICAL EXPERIENCE AND CONTACT DREAM IMAGES IN GROUP CONTEXT AND HEALTH PROMOTION

Dreams are the direct expression of the unconscious psychic activity and depicts the dreamer's internal situation can be understood as essential for mental health because they provide the directions people to face the problems that life imposes, such as sickness and existential questions. Thus, the aim of this study was to describe the work with the interpretation of dreams, contact with dream images of individuals in groups and contexts and their interaction with the health promotion. The methodology was the literature texts, research Jungian authors and Jungian post. The results of the studies show that raised the dreamer to work the dream content in individual psychotherapy or group acquires more psychic integration, with greater awareness of their personal issues, tolerance, reduction or elimination of bodily symptoms initially presented in therapy and changes regarding the way to reflect on their problems. Demonstrating this context the importance for the mental health of these individuals work with dreams

Key words

Dreams, Interpretation, Living groups, Health promotion

RESUMO

Os sonhos são a expressão direta da atividade psíquica inconsciente e retrata a situação interna do sonhador, podem ser entendidos como essenciais para a saúde mental, pois fornecem as pessoas direcionamentos para enfrentar os problemas que a vida impõe, como enfermidades e questões existenciais. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi descrever o trabalho com a interpretação dos sonhos, contato com imagens oníricas dos indivíduos em contextos de grupos e a sua articulação com a promoção em saúde. A metodologia empregada foi o levantamento bibliográfico de textos, pesquisas de autores Junguianos e de pós Junguianos. Os resultados dos estudos levantados apontam que o sonhador ao trabalhar os conteúdos oníricos na psicoterapia individual ou em grupo, adquire maior integração psíquica, com maior consciência de sua problemática pessoal, tolerância, redução ou eliminação dos sintomas corporais inicialmente apresentados na terapia e modificações quanto à forma de refletir sobre seus problemas. Demonstrando neste contexto, a importância para a saúde mental destes indivíduos o trabalho com sonhos.

Palavras chaves

Sonhos, Interpretação, Grupos Vivenciais, Promoção de Saúde

1. Introdução

Sonhar segundo Hall (1983) é uma experiência que compete a todos os seres humanos. Normalmente parece ser uma vivência real e somente depois de acordado que o sonhador percebe o caráter onírico do que se passou. Jung (1975) define os sonhos como uma criação psíquica que, em contraste com os dados habituais da consciência, se situa pelo seu aspecto, pela sua natureza e pelo seu sentido, à margem do desenvolvimento contínuo dos fatos conscientes.

Para Whitmont (1974) os sonhos são uma manifestação simbólica que é a linguagem arcaica do inconsciente, e demonstra o lado desconhecido da situação vivida, porém não necessariamente oculta um desejo ou conteúdo latente, como Freud havia escrito em suas obras sobre a interpretação dos sonhos.

Jung (1975) defende que o sonho não é resultado como outros dados da consciência, da continuidade claramente lógica ou puramente emocional dos acontecimentos da vida, mas somente resíduo de uma curiosa atividade psíquica exercida durante o sono. O autor complementa que muitos dos nossos sonhos escapam a rememoração logo ao acordar, outros só conseguimos reproduzir com fidelidade muito duvidosa, são relativamente poucos o que estamos certos de reproduzir fielmente. Neste contexto, o trabalho com a recordação da experiência das imagens oníricas e a interpretação destes conteúdos se faz necessário.

Jung (1975) utiliza a concepção finalista para interpretação dos sonhos dos seus pacientes. Esta concepção propõe investigar as

reminiscências vividas dos conteúdos que compõem os sonhos, atribui um sentido e um alcance que lhe são próprias. O ponto de vista finalista, vê nas variações das imagens oníricas o reflexo de situações psicológicas infinitamente variadas. Para esta teoria não há símbolos de significado fixo, eles trazem o seu próprio significado até o seu aparecimento durante o sonho. Neste sentido, é possível a realização de trabalhos vivenciais com as imagens oníricas em contexto grupal, promovendo a saúde mental destes sonhadores. Vale ressaltar que apesar do trabalho ser grupal o significado e a ressignificação da experiência onírica é particular e subjetiva.

2. Objetivo geral:

Realizar um levantamento bibliográfico sobre as práticas de vivência e experiência com imagens oníricas no contexto de grupo e individual e suas possibilidades de uso na promoção de saúde;

3. Antecedentes Científicos

Práticas de vivência e contato com imagens oníricas é o trabalho realizado a partir das narrativas dos sonhadores sobre os aspectos simbólicos contidos nos sonhos. Jung (1974/1993) afirma que os sonhos são produtos espontâneos do inconsciente, expressam a própria subjetividade do sonhador, e que atentar-se a eles confere ao sujeito mais consciência de si.

Segundo Hall (1993) em seu sentido fenomenológico o sonho acomete diversos acontecimentos fantásticos, como mudanças de lugar, de tempo, idade, presença de pessoas que já faleceram e animais mitológicos, além de mudanças no próprio ego onírico do indivíduo. As imagens, cenas e personagens dos sonhos refletem os conteúdos e complexos da psique do sonhador e, em última instância, possuem uma direção e fluxo em torno de um eixo ou centro da psique que ultrapassa o ego ou consciência individual, o Si-Mesmo ou Self (Hall, 1983).

O modo como se age nos sonhos pode ser uma manifestação de como se atua na vida exterior, mas também pode manifestar compensações de atitudes muito unilaterais, sendo nesse último caso a atitude do ego do sonho contralateral à atitude do ego em vigília. Essa função compensatória é apontada por Jung em diversas obras (1964, 1971, 1998b, 2004, 2008) e constitui-se como regra básica do sistema psíquico, que busca sempre o equilíbrio (Jung, 2008).

Jung (1996) afirma usar propositalmente o termo compensatório, pois “consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o si-mesmo” (p.53). O autor complementa que os processos inconscientes de compensação do ego possuem todos os elementos para a autorregulação da psique. No nível pessoal, estes processos são constituídos por razões que a consciência desconhece, mas que aparecem nos sonhos, ou também por situações ignoradas no dia-a-dia, afetos ou críticas que não nos permitimos. Jung (1971) também atenta para o caráter de finalidade do sonho, ou seja, o sonho faz parte de um todo maior, um contínuo da vida: o processo de individuação, o qual é ação do Si-mesmo (Self) na vida do indivíduo. No tratamento psicológico são essenciais para indicar informações a respeito do desenvolvimento psíquico do sujeito (Júnior, 2012). Catta-Preta (2009) ressalta que Jung priorizava olhar a série de sonhos na análise para ser possível acompanhar o processo de individuação.

Os sonhos “oferecem uma fonte abundante de criatividade, renovação, força e sabedoria. São um portal direto para aquilo que está maduro possa se manifestar na consciência” (Johnson & Ruhl, 2010, p. 150). Ainda sobre essa função finalista, Jung (1971) admite que os sonhos preparam caminhos para a resolução de conflitos:

“A função prospectiva é uma antecipação, surgida no inconsciente, de futuras atividades conscientes, uma espécie de exercício preparatório ou um esboço preliminar, um plano traçado antecipadamente” (p. 193). E ainda “os sonhos preparam determinada situação, as anunciam ou previnem contra elas muito antes que se tornem reais” (p. 193).

Outras funções oníricas, apontadas por Pacheco (2011), além da compensatória e da prospectiva, são: a redutiva - a qual procura mostrar os excessos da consciência e, portanto, atua sobre a inflação do ego; a recorrente - foca em temas que precisam ser trabalhados com mais ênfase e por isso costumam se repetir até serem resolvidos; e a reativa - os sonhos repetem um tema decorrente de traumas violentos, principalmente nos que houve danos físicos.

Essas funções podem ser acompanhadas da função transcendente, cujo objetivo é dar “movimento aos opostos, desacomoda a unilateralidade atrofiadora da consciência e investe na liberdade e na totalidade instintivas, possibilitando a integração dos opostos e a ampliação contínua da consciência” (p.82). Ela se dá quando o ego é rodeado de possibilidades distintas e é dominado pelo inconsciente, o que gera um diálogo interior com alternância de argumentos e afetos que são contraditórios, ativando a função transcendente, o que permite a resolução do conflito (Pacheco, 2011).

Os sonhos revelam as dinâmicas interiores, as quais são motivadoras do comportamento no mundo exterior (Kaplan-Williams, 1993). Assim, é necessário conhecer a situação de vida atual do sujeito, pois o sonho normalmente está em conexão com o cotidiano (Jung, 1998b, 2008; Jacobi, 1991). Os sonhos podem ser entendidos como essenciais para a saúde mental, pois os sonhos “configuram-se como ferramentas significativas na busca de sentido e na descoberta dos caminhos que conduzem à realização do vir a ser da totalidade humana” (Elgelmann, 2012, p. 42).

No trabalho interpretação de sonhos Jung (2008) já alertava que a análise de sonhos é um “terreno traiçoeiro onde a única coisa certa é a incerteza” (p.20). O trabalho com os sonhos é simbólico e entender suas mensagens pode ajudar a trilhar caminhos mais seguros tanto interiormente como exteriormente. “A função principal do ato de sonhar é criar a necessidade de encontrar solução para padrões bloqueados e questões existenciais pela evolução do eu integrativo” (p. 36).

Jung (1995) em Catta-Preta (2009) comenta que para se saber se a interpretação de um sonho foi bem sucedida, isto é, aproximada do seu significado real, é importante olhar para o efeito do processo. Se ele foi interpretado de forma desapropriada, provavelmente o tema irá se repetir e apontar simbolicamente para o erro. Caso a interpretação seja adequada, ela fará sentido para o sonhador, que se sentirá bem.

A forma clássica de trabalhar os sonhos segundo Jung (1998) é ouvir o sonho e coletar as associações que surgem com os seus elementos, percebendo o contexto subjetivo. Quando o indivíduo não consegue fazer associações pessoais, os elementos do sonho são comparados e relacionados com um material simbólico mais amplo, como o dos mitos, dos contos de fadas e da história das religiões, isto é, se faz uma ampliação (Gallbach, 2014; Jacobi, 1991; Jung, 1998).

É importante deixar claro que, como os sonhos podem suportar diversos níveis de interpretação, não se deve priorizar um elemento do sonho - todos eles são igualmente importantes; portanto, qualquer interpretação sobre seu significado deve estar em conformidade e permear todos os elementos do sonho (Gallbach, 2014).

Segundo Jung (1971), Catta-Preta (2009) e Bernadete (2011) existem basicamente duas formas de interpretação dos sonhos: a nível

do sujeito, onde as imagens do sonho podem ser vistas como representações simbólicas, personificações da própria personalidade do sonhador, de maneira que haja um diálogo entre o ego onírico, representando o sonhador e seu inconsciente - a qual Jung chamou de método sintético ou construtivo e a nível de objeto, na qual os personagens podem ser considerados como representações do mundo externo, permitindo que se conheça o cotidiano do sonhador bem como suas projeções. Também os personagens do sonho de maneira pessoal ou arquetípica podem ser referenciados a conteúdos pessoais ou coletivos, isto é, a símbolos presentes nas diversas culturas e partilhados pelo ser humano (Hall, 1983).

Uma pesquisa realizada por Sant'Anna (1996) analisou os sonhos dos pacientes com AIDS e correlacionou o adoecimento enquanto um fenômeno simbólico. Os achados do estudo evidenciaram que este fenômeno, pode estar inserido em um movimento de reestruturação amplo da personalidade. A compensação parece dar-se dentro deste processo e não em relação ao evento da AIDS isoladamente. Neste estudo o autor identificou a presença de constelações do Self, Sombra e o mito de Dionísio. Conteúdos riquíssimos para análise de sonhos na abordagem Junguiana.

Fillus & Janowsk (2013) realizaram um estudo visando compreender as manifestações oníricas na infância por meio do conteúdo dos sonhos, expressos em relatos e em desenhos. Identificaram por meio deste trabalho com crianças a presença de arquétipo, sendo o do herói o símbolo da força do ego que luta diante dos desafios da primeira etapa da vida do sujeito para libertar-se do mundo materno, e o direciona para a adaptação ao mundo externo. A pesquisa apontou também que o universo onírico infantil é fértil na apresentação de seus enredos e importante na organização do sujeito frente aos imperativos do desenvolvimento e das exigências do mundo externo. Neste trabalho foi possível identificar a função do sonho na dinâmica da psique.

No trabalho com os sonhos em contexto grupal a Psicologia Analítica apresenta um corpo teórico sobre isso, entretanto com um foco diferente, basicamente se orientando para o enfoque das imagens, mitos e símbolos, por meio de uma perspectiva da amplificação (Gallbach, 2014; Naves, 2005).

Gallbach (2014) buscou formas de trabalhar a experiência onírica sem fazer referência a algo externo a ela. Ela desenvolveu o método de grupos de vivência dos sonhos, os quais tem em média três a seis participantes, que se reúnem semanalmente por uma hora e meia. A autora ressalta ainda três aspectos fundamentais em grupos como esse: atenção, respeito e confiança, pois ao conseguir se abrir para um material desconhecido como o sonho é provável que várias emoções imprevistas surjam, e nesse momento é preciso encontrar confiança, colaboração e suporte no grupo. Esses grupos têm aspecto terapêutico, mas não são considerados terapia de grupo.

A autora descreve que há três formas para se abordar um sonho: (1) através da narrativa, isto é, quando se relata verbalmente o sonho, e assim, ele ganha características de história, com começo, meio, fim, temporalidade, lógica e causalidade que são condizentes com a linguagem, e com uma coerência verbal; (2) da imagem: quando todos os elementos do sonho entram em foco simultaneamente, percebe-se a situação total sem prestigiar um ou outro evento (aqui, é importante ressaltar que os elementos dos sonhos não estão conectados por uma lógica de causalidade, mas estão, sim, ligados significativamente); (3) da vivência: quando se retorna ao sonho como se ele estivesse acontecendo no presente, e não no passado, como é de costume. Dessa forma é possível lembrar com melhor qualidade a experiência de estar no sonho, comentá-lo com uma observação direta, perceber-se no sonho e ao mesmo tempo

entrar em contato com as emoções que esse processo suscita.

Outro autor que desenvolveu uma metodologia para trabalho com sonhos em contexto grupal foi Kaplan-Williams (1993) que construiu uma técnica denominada por ele de "sonhoterapia" cujo o nome resume o objetivo básico deste trabalho que é "achar uma solução para os problemas que o sonho apresenta, e fazê-lo dentro de uma atmosfera de apoio mútuo ajuda muito" (Kaplan-Williams, 1993, p. 38).

Existem algumas vantagens de se trabalhar em uma configuração grupal, como o fato dos sujeitos se sentirem parte de algo maior, procura da auto-sustentação, a ampliação da dinâmica projetiva (Whitmont, 1974; Zinkin, 1988). Schwarz (2008), em trabalho com psicoterapia grupal breve de orientação junguiana, relata que o trabalho com sonhos permite aos participantes um diálogo mais próximo entre consciente e inconsciente.

Ao compreender e vivenciar os sonhos, os participantes puderam entrar em contato com suas naturezas mais profundas, liberar energias psíquicas reprimidas e vivenciar sensações de alívio e bem-estar. Os sonhos, como manifestações da totalidade da psique e do self, estão relacionados ao processo de individuação do grupo e também à "constelação do self grupal", deste modo a partilha dos sonhos no grupo possuiu efeito terapêutico e trabalhar com eles favoreceu para a uma "atitude de aceitação e respeito aos conteúdos do inconsciente [...]" (Schwarz, 2008, p. 160).

Sant'Anna (2005) aponta que o trabalho grupal com sonhos é primordialmente vivencial, busca um contato mais direto com o sonho e o grupo está ali para mediar e amplificar a imagem. Após a vivência do sonho em grupo, segue-se a compreensão do mesmo. Conforme Gallbach (2014), compreender resulta em entender o sentido do sonho de modo a realizá-lo, isto é, trazê-lo para a sua vida e permitir que ele a influencie. Vivenciar significa retornar à imagem do sonho e contá-lo no presente, percebendo-se dentro dele, experienciando o que acontece no espaço onírico, pois "um sonho não compreendido não passa de um simples episódio, mas a sua compreensão faz dele uma vivência" (Jung, 2004, p. 117).

Portanto, o propósito do grupo de vivência dos sonhos é fornecer maneiras para constatar e compreender a mensagem do sonho, para com isso auxiliar uma individuação em conjunto. O grupo também ajuda, pois os participantes se sentem acolhidos, até mesmo nos seus aspectos mais sombrios. Do mesmo modo, com os exercícios em equipe se dá importância a assuntos, sensações e sentimentos, que antes não estavam protagonizando o sonho e nem identificados com o ego, pois estavam projetados nos detalhes (Gallbach, 2014).

A realização metodológica deste trabalho com grupo, poderá ocorrer de acordo com a teoria de Yalom (2007), por apresentar um enfoque fenomenológico. Este autor defende que na psicoterapia de grupo a dinâmica o foco são as relações humanas dentro do grupo, na oficina de sonhos o foco é a vivência e experiência dos sonhos do próprio sujeito em um contexto grupal. Assim, as relações são manejadas ou configuradas com o objetivo de aprofundar e permitir a vivência e experiência individual das suas próprias imagens oníricas.

Neste sentido, uma pesquisa realizada por Tavares (2010) intitulada "Uma experiência de atendimento psicoterapêutico junguiano em grupo, privilegiando a dimensão corporal, no contexto da saúde pública brasileira" revelou a ocorrência transformações psicossociais aos participantes, assim como; maior definição e integração da imagem corporal dos sujeitos e dos grupos; redução ou eliminação dos sintomas corporais inicialmente apresentados; modificações quanto à forma de refletir sobre as condições socioeconômicas e de

agir nesse contexto; maior abertura ao contato social e à interação corporal por parte dos pacientes, bem como resgate da capacidade laborativa e do potencial criativo dos mesmos. Evidenciando a efetividade terapêutica do trabalho com grupos de sonho.

No Brasil, destaca-se as pesquisas de Gallbach (2014), que realizou a sua tese de doutorado, posteriormente a publicação de um livro intitulado: *Aprendendo com os sonhos*. Neste estudo a autora realizou diversos grupos trabalhando com os conteúdos dos sonhos de seus pacientes, sendo fundamentada pela Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung. Identifica que cada pessoa pode aprender a dialogar com os próprios sonhos e chegar, dessa forma, há um maior equilíbrio psíquico e crescimento pessoal.

A proposta do trabalho com sonhos no contexto de saúde pública foi realizada por Tavares (2010). Revelando transformações psicossociais aos participantes, dentre outros resultados a redução ou eliminação dos sintomas corporais. Fillus & Janowski (2013) e Sant'Anna (1996) também realizaram estudos com os conteúdos simbólicos dos sonhos, entretanto com uma perspectiva individual. A temática de grupo de trabalhos com sonhos ainda é pouca explorada pela literatura acadêmica, evidenciando a importância da realização destes estudos empíricos principalmente correlacionados com promoção em saúde.

BIBLIOGRAFIA

- Catta-Preta, M. V. (2009) *Sonhos e insônia: o uso de imagens oníricas como instrumento terapêutico no auxílio ao tratamento de indivíduos insone*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Engelmann, F. (2012). *Sonhos: possíveis ferramentas para vir a ser inteiro em psicoterapia*. Revista Eletrônica de Psicologia e Religião, n.1, 36-42.
- Fillus, M. A., & Janowski, J. M. W. (2013). *Aspectos do arquétipo do herói expressos no universo onírico infantil: Uma experiência em pesquisa com crianças*. *Psicol. Argum.* 31(75), 645-652.
- Gallbach, M. R. (2014). *Aprendendo com os sonhos*. São Paulo: Paulus.
- Hall, J. A. (1983). *Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática*. São Paulo: Cultrix.
- Jacobi, J. (1991). *Complexo, arquétipo e símbolo - na psicologia de C. G. Jung*. São Paulo: Cultrix.
- Johnson, R.A; Ruhl, J.M. (2010). *Viver a vida não vivida*. p. 50. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C.G. (1964). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Jung, C. G. (1971). *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes. *Obras Completas: Vol. VIII/2*.
- Jung, C. G. (1975). *O homem á descoberta da sua alma. Estrutura e funcionamento do inconsciente*. Editora. Brasília.
- Jung, C. G. (1993). *Civilização em transição*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1974).
- Jung, C. G. (1996). *O eu e o inconsciente*. 11ª. ed. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (1998a). *A dinâmica do inconsciente*. Rio de Janeiro: Vozes. *Obras Completas: Vol. VIII*.
- Jung, C. G. (1998b). *A vida simbólica*. Rio de Janeiro: Vozes. *Obras Completas: Vol. XVIII/1*.
- Jung, C. G. (2004). *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes. *Obras Completas: Vol. XVI/1*.
- Jung, C. G. (2008). *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. Petrópolis: Vozes. *Obras Completas: Vol. XVI/2*.
- Júnior, F. P. (2012). *A função compensatória dos sonhos*. Revista Eletrônica de Psicologia e Religião, n.1, p.44-51.
- Kaplan-Williams, S. (1993). *Elementos em sonhoterapia*. p. 38. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Naves, M. B. (2005). *Da criança divina à jornada do herói: a utilização de referências dos símbolos e mitos em psicoterapia analítica de grupo*. Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo. Vol. 6, No. 1, pp. 65-73.
- Pacheco, B. (2011) *Memórias, sonhos e símbolos de um processo de luto*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Ramadam, Z. B. A. (2007). *Psicoterapia de grupo: teoria e prática - Irvin D. Yalon e Modyn Leszcz*. Rev. psiquiatr. clín. [online]. 2007, vol.34, n.5 [cited 2015-03-27], pp. 254-255.
- Sant'Anna, P. A. (2005). *Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da psicologia analítica*. Psicologia USP,16(3), 15-44.
- Sant'Anna, P. A. (2005). *Um estudo nos arquétipos nos sonhos de portadores de HIV*. São Paulo, 1996. 270 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Schwarz, L. R. (2008). *EnvelheSer: a busca do sentido da vida na terceira idade. Uma proposta de psicoterapia grupal breve de orientação Junguiana* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Tavares, S. M. (2010). *Uma experiência de atendimento psicoterapêutico junguiano em grupo, privilegiando a dimensão corporal, no contexto da saúde pública brasileira*. *O Mundo da Saúde*, São Paulo; 34(4):535-543.
- Whitmont, E. C. (1991). *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix.
- Whitmont, E. (1974). *Analysis in a group setting*, *Quadrant*, 16, P.5-25.
- Yalom, I. D. & Leszcz, M. (2007). *Psicoterapia de grupo: teoria e prática*. (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre, Artmed.
- Zinkin, L. (1998). *Dialogue in the analytic setting*. London: Jessica Kingsley